



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV NHK, do Japão

Palácio do Planalto, 17 de maio de 2005

Jornalista: Considerando que o Brasil, assim como o Japão, querem ser membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, qual o tipo de estratégia conjunta que os dois países pretendem elaborar e desenvolver? O que o Brasil pretende conseguir com a reforma estrutural da ONU?

Presidente: Primeiro, o Brasil constituiu, junto com o Japão, com a Índia e com a Alemanha, o G-4. São quatro países que estão pleiteando o aumento de membros no Conselho de Segurança da ONU porque entendemos que é preciso democratizar essa instituição, que é extremamente importante para a manutenção da paz no mundo, e que não pode mais estar subordinada às regras que foram estabelecidas em 1945. O mundo de hoje não é o mundo de 1945, é um mundo totalmente diferente, seja do ponto de vista geográfico, seja do ponto de vista comercial, seja do ponto de vista político. Nós não temos mais a Guerra Fria, não existe mais a bipolaridade que existia em 1945 e, portanto, a ONU necessita sofrer alterações que a coloquem adequada à realidade do século XXI.

Nós achamos que o Japão é um país extremamente importante, que o Brasil é um país extremamente importante, que a Alemanha e a Índia são importantes, e também queremos a participação de dois países do continente africano para que as Nações Unidas se transformem, efetivamente, num organismo que represente a geografia mundial, seja do ponto de vista político, seja do ponto de vista comercial, seja do ponto de vista cultural.

Por isso, estamos pleiteando e eu acho que haverá mudanças na ONU, eu espero que Japão, Brasil, Alemanha, Índia e mais dois países africanos



sejam contemplados nessa nova formulação que a Organização das Nações Unidas deverá ter.

Jornalista: Esse grupo dos quatro concordou em buscar o direito a veto no Conselho de Segurança. O senhor acha que a insistência desse grupo nessa questão pode provocar uma reação dos atuais membros permanentes e dos outros membros?

Presidente: A vida é assim: quem está no poder não quer sair e quem não está quer entrar, ou seja, o fato de você ter países com direito a veto implica que nós tenhamos que reivindicar que os novos membros do Conselho de Segurança Nacional da ONU tenham também o direito de veto. Ora, se nós não conseguirmos isso por razões da própria ONU, por razões dos países que hoje já são membros, nós iremos ver o que é possível conquistar. O dado concreto é que nós temos que reivindicar o máximo que nós temos direito para que, no acordo, a gente fique com aquilo que for pertinente ao desejo dos países que estão reivindicando.

A única coisa que eu tenho muito clara é que a ONU precisa passar por uma reforma profunda para que ela possa melhor representar os anseios dos habitantes do mundo. E eu acho que nós vamos conseguir.

Jornalista: O Japão recebeu reações violentas da opinião pública coreana e chinesa ao demonstrar que tinha interesse em virar um membro permanente do Conselho de Segurança. Há como o Brasil apoiar o Japão nessa situação?

Presidente: Há e estamos apoiando, porque quando constituímos o grupo Brasil, Índia, Alemanha e Japão, foi porque nós queremos trabalhar conjuntamente para que os quatro países tenham participação no Conselho de Segurança. Nesse aspecto, o Brasil é parceiro do Japão, nós não estamos



propondo tirar ninguém para colocar o Japão, tirar ninguém para colocar o Brasil, nós estamos propondo, pura e simplesmente, aumentar o número de membros que participem do Conselho de Segurança da ONU.

Jornalista: E quanto à repercussão?

Presidente: Eu acho que a repercussão é natural. Nós temos repercussões aqui no nosso Continente, tem países que acham que não deveria aumentar ou que, se tivesse que aumentar, não seria o Brasil, mas seriam eles. Isso faz parte do jogo político, nós precisamos conviver com isso democraticamente. O que eu tenho certeza é que um país com a população do Japão, um país com a riqueza do Japão, um país com a importância do Japão, no mundo, só viria ajudar o Conselho de Segurança da ONU.

Eu não vejo como não ajudar e eu penso que essa reivindicação do Japão é justa, acho que os protestos devem ser considerados porque é normal que as pessoas queiram que fique como está, mas eu acho que o Japão é muito importante no mundo asiático para estar dentro do Conselho de Segurança, como eu acho que o Brasil é muito importante na América Latina, para representar a América Latina, como eu acho que a África do Sul e a Nigéria são muito importantes para representar o continente africano se forem eles os escolhidos.

De qualquer forma, como eu sou defensor de mudanças no Conselho de Segurança, eu vou batalhar para que, além do Brasil, entrem outros países para que a ONU seja efetivamente democratizada e ela possa prestar ainda mais serviços relevantes à sociedade do mundo inteiro. Quanto mais forte for a ONU, mais tranqüilidade e paz nós teremos no mundo.

Jornalista: Há uma intenção do governo brasileiro, cogita-se conversar com a China e com a Coréia especificamente para ultrapassar essas barreiras, vencer



essa resistência e o Japão se tornar um membro permanente?

Presidente: Como eu disse agora há pouco, nós fazemos parte de um grupo chamado G-4, Alemanha, Índia, Japão e Brasil e, portanto, nós trabalharemos juntos para convencer a China, para convencer os Estados Unidos, para convencer a Rússia e convencer todos os países que hoje fazem parte do Conselho de Segurança da ONU.

Jornalista: Há uma estratégia específica de como convencer os Estados Unidos?

Presidente: Há, há uma estratégia de fazer com que os nossos homens da ONU discutam isso diariamente com os americanos. Eu penso que os americanos, hoje, também têm clareza de que quanto mais democrática for a ONU, quanto mais tivermos países representativos, países fortes, mais peso, ou melhor, menos peso os Estados Unidos vão ter que carregar como carregam hoje. Eu acho que os Estados Unidos estão, aos poucos, se convencendo de que partilhar responsabilidade não é um mau negócio neste mundo em que nós precisamos de muita justiça social para enfrentar o terrorismo tal como está colocado hoje.

Jornalista: O Japão tem sido o maior parceiro brasileiro na Ásia, mas de uns tempos para cá tem-se cada vez mais a impressão que a China... Como é que o senhor avalia as possibilidades de se tornar um membro do Conselho de Segurança, retornando um pouco ao tema anterior?

Presidente: Como é que eu avalio a oportunidade?

Jornalista: As chances são boas?



Presidente: Eu acho que são boas. Eu acho que hoje, numa escala de um a dez, eu diria que nós estamos aí por volta de sete para conseguirmos. Daqui a alguns meses, quem sabe, estaremos no dez e conseguiremos.

Jornalista: Ele está perguntando detalhes dessa estratégia. Quais são os próximos passos do G-4?

Presidente: Os próximos passos são conversar com todos os países que têm direito a voto. Agora, nós temos que trabalhar de forma intensificada para conversarmos com todos os países que têm direito a voto para convencê-los, no dia da votação, a votar primeiro na ampliação, depois nos escolher como membros do Conselho de Segurança da ONU.

Jornalista: Voltando para aquela pergunta. O Japão é o maior parceiro do Brasil na Ásia, mas de uns tempos para cá há a percepção de que a China está crescendo em importância para a diplomacia brasileira e que o Brasil prioriza a China. Há algo que Vossa Excelência tem em mente para fortalecer as relações econômicas entre Brasil e Japão? Alguma medida concreta?

Presidente: Eu tenho recebido empresários japoneses, nós tivemos a alegria de receber o primeiro-ministro Koizumi, em setembro, aqui no Brasil. Essa minha visita ao Japão não é apenas uma retribuição, é uma definição estratégica para recuperar a boa relação que o Brasil já teve com o Japão. É importante lembrar que o Japão já significou 8% da pauta de exportação brasileira e hoje o Japão representa apenas 2.9% da nossa pauta de exportação. Ou seja, tudo que o Brasil exportava, 8% era para o Japão, e hoje tudo que o Brasil exporta, apenas 2.9% é para o Japão.

Obviamente que aumentou o comércio do Brasil com outros países, mas



o Japão é um país rico, com quase 130 milhões de habitantes. O Brasil é um país em desenvolvimento, com potencial de crescimento extraordinário. O Brasil tem 180 milhões de habitantes. O que nós queremos na verdade? O que nós queremos é, nesse momento em que a economia do Japão se recupera, nesse momento em que a economia do Brasil se recupera, nesse momento em que as nossas economias estão mais saudáveis e as perspectivas de futuro são melhores, Brasil e Japão precisam estreitar e muito as suas relações. Afinal de contas, o Japão está no Brasil desde 1908, quando aqui chegaram os primeiros japoneses que hoje compõem uma colônia, possivelmente, de mais de 1 milhão de descendentes japoneses.

O Brasil já tem, hoje, praticamente 300 milhões de dekasseguis, ou seja, de filhos de japoneses que regressaram ao Japão para trabalhar. Portanto, nós não somos dois países distantes, nós não somos duas pátrias tão separadas, embora a distância geográfica seja muita, o coração da nossa gente, a consciência da nossa gente, aproximou muito os dois países. Possivelmente, por conta das questões econômicas na década de 90, diminuíram-se os investimentos japoneses no Brasil e nós vamos ao Japão para dizer ao governo japonês, aos empresários japoneses, que o Brasil continua sendo o país das grandes oportunidades, de grandes perspectivas de investimentos e nós queremos aumentar as importações do Japão e queremos aumentar as nossas exportações.

O Brasil não é apenas exportador de produtos *in natura*, o Brasil não é apenas exportador de matéria-prima ou de soja, o Brasil pode exportar avião, o Brasil pode exportar conhecimento, tecnologia, como exportamos para os Estados Unidos, para a França, para a Alemanha, para todo o mundo europeu e também para a China e também para o Oriente Médio, também para a América do Sul, também para a África, ou seja, o Brasil sai de um déficit de balança comercial para ter um superávit de 37 bilhões de dólares, numa demonstração de que nós acreditamos na nossa política externa e acreditamos



nos aumentos das exportações.

Brasil e Japão, hoje, têm uma balança comercial de pouco mais de 5 bilhões e 600 milhões de dólares, o que é muito pouco para a grandeza dos dois países, para o potencial dos dois países. Então, o meu objetivo é tentar dizer o seguinte: nós queremos aumentar a nossa parceria com o Japão, nós queremos vender mais e comprar mais, nós queremos que as empresas brasileiras façam parcerias com as empresas japonesas, nós queremos que se o Japão tiver perspectiva de investimento em outro país, que venha conhecer o potencial que o Brasil tem para oferecer para esses investimentos.

Com a aprovação do Protocolo de Quioto, todos os países do mundo terão que ser menos poluentes nas próximas décadas, e o Brasil quer discutir com o Japão a utilização do etanol como combustível adicionado à gasolina, o etanol, de que nós temos muita tecnologia, temos muito conhecimento e queremos estabelecer parcerias com os japoneses, mas também queremos exportar para o Japão produtos com valor agregado importantes.

Então, eu diria que o Japão continua sendo um parceiro excepcional do Brasil, as perspectivas da relação com o Japão são as melhores possíveis, Brasil e Japão não têm contenciosos, não temos contenciosos, pelo contrário, um país como o Japão, que tem 300 mil brasileiros morando e trabalhando lá, um país como o Brasil, que tem uma colônia japonesa de quase 1 milhão de japoneses, pessoas essas que ajudaram o Brasil a crescer, pessoas que estão na área médica, pessoas que estão na área empresarial, pessoas que estão na área de engenharia, pessoas que estão na área da cultura, cinema, teatro, música. Portanto, são dois países quase irmãos, o que está provado no mundo é que nem a distância tão grande, nem o Pacífico, nem os Andes, atrapalham a relação Brasil e Japão.

O que nós temos que fazer nesse momento? Valorizar isso, tratar isso com carinho especial, tratar isso com muita força para que, nos próximos anos, Brasil e Japão tenham uma relação infinitamente maior do que tem hoje. Eu



estou convencido de que nós estamos vivendo um novo período nas nossas relações e é isso que eu pretendo conversar com os empresários japoneses, com o governo japonês e com o povo japonês.

Jornalista: Qual a tônica que o Presidente pretende enfatizar no relacionamento econômico exclusivamente durante a sua visita ao Japão? E especificamente na exportação do etanol, quais devem ser as gestões brasileiras?

Presidente: Primeiro, nós vamos com uma delegação grande de empresários e também com uma delegação grande de ministros. Vamos levar o Ministro da Ciência e Tecnologia, o Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, o Ministro da Agricultura, o Ministro da Educação, o Ministro do Trabalho, e vamos levar muitos empresários, com o objetivo de estabelecerem uma relação mais profícua com os empresários japoneses.

A questão do etanol. Nós somos sabedores de que o Japão é signatário do Protocolo de Quioto e, portanto, o Japão, como todos os outros países, vai ter que diminuir o número de poluentes, a quantidade de poluentes expelida pelos automóveis japoneses.

O que o Brasil tem a oferecer? O Brasil tem a oferecer parcerias na compra do etanol ou na produção conjunta de etanol, já que o Brasil detém alta tecnologia.

O Japão exige, para adicionar o etanol na gasolina, garantia de fornecimento. E é o mínimo que o Japão tem que exigir, porque na hora em que você coloca o etanol como um reforço à matriz energética de combustível, você precisa garantir que vai ter álcool no Japão. Essa é a responsabilidade do Brasil, de se comprometer com o fornecimento.

Eu acho que toda vez que nós vamos introduzir uma coisa nova num mercado importante como o Japão, sempre tem dúvidas, tem inquietações, e



cabe a nós ser convincentes. Por exemplo, as empresas japonesas, aqui, no Brasil, poderiam produzir carro a álcool como as outras indústrias estão produzindo. E, quem sabe, até exportar para outros países do mundo ou para o próprio Japão. Mas, o mais importante de tudo é que nós queremos discutir com o governo japonês a diversificação da nossa pauta de exportação e de importação.

O que o Japão tem, que pode vender para o Brasil? Quais as empresas japonesas que podem fazer parcerias com empresas brasileiras? O que o Brasil tem para exportar para o Japão? Quais as parcerias que as empresas brasileiras podem fazer com as empresas japonesas? E aí, se houver disposição política dos dois governos, tudo vai ficar muito mais fácil. Por isso, eu estou muito otimista, mas muito otimista com essa minha visita ao Japão. Vai ser uma visita muito rápida, uma visita corrida, mas eu quero trabalhar 24 horas por dia para que o resultado dessa visita seja produtivo para o Japão e para o Brasil.

Jornalista: Nesse fluxo inverso de migração japonesa para o Brasil podemos ver, hoje, uma presença de cerca de 300 mil brasileiros no Japão. Como é que o Brasil pretende apoiá-los e que tipo de medidas concretas vem tomando para isso? Como pretende atuar quando houver grandes intempéries da natureza, como um terremoto, por exemplo? Como é que Vossa Excelência tem acompanhado o surgimento de diversos casos de delinquência juvenil, evasão escolar e outros problemas graves em relação aos menores brasileiros residentes no Japão?

Presidente: Vamos por etapas, porque essa pergunta nos leva a uma reflexão.

Primeiro, nós sonhamos e desejamos que os nossos brasileiros japoneses que estão no Japão tenham um tratamento, pelo governo japonês, igual ao que os japoneses que estão aqui, no Brasil, têm do governo brasileiro,



ou seja, os japoneses, aqui, nós não os tratamos como japoneses, nós os tratamos como brasileiros, e eu acho que a recíproca é verdadeira.

O governo japonês tem dado demonstração de que quer aperfeiçoar a nossa relação para melhorar a vida dos brasileiros que estão no Japão, sobretudo na parte da educação, reconhecendo escolas brasileiras. Nós estamos levando o Ministro da Educação para que ele possa discutir mais com o Ministro da Educação do Japão. Nós temos uma preocupação enorme, sobretudo com a possibilidade de delinqüência no meio dos jovens que, possivelmente, seja por falta de perspectiva. Então, precisamos intensificar o acesso desses jovens à cultura, ao esporte, dentro do Japão e, sobretudo, ao estudo. Nós vamos discutir isso com os nossos ministros. E eu espero que a gente consiga construir uns acordos para que o tratamento dos brasileiros que moram no Japão seja quase de cidadão japonês.

É importante lembrar que, daqui a três anos, nós estaremos comemorando, aqui, no Brasil, o centenário da imigração japonesa para o Brasil. Eu, pessoalmente, quero fazer um convite ao governo japonês, vou fazer um convite ao Imperador, para que ele esteja presente no Brasil nessa data, onde nós pretendemos não apenas fazer uma grande festa, mas demonstrar o carinho e a relação que nós temos com o povo japonês, aqui.

Esse povo, como eu disse, que nos ajudou a crescer na agricultura, nas fábricas, na cultura, esse povo que nos ajudou a crescer na medicina, na engenharia. E eu espero que logo, logo, possa nos ajudar a crescer no futebol, já que o Japão está investindo fortemente no futebol, tem muitos brasileiros lá. Mas eu espero que a gente faça uma grande festa, uma festa digna da relação Japão-Brasil e do carinho recíproco que os dois povos têm.

Jornalista: Uma última perguntinha pessoal.

Presidente: Faz uma. Vamos matar.



Jornalista: Como o senhor mesmo falou, tem 1 milhão e 300 mil, sei lá quantos, japoneses morando no Brasil, e o senhor morou na Grande São Paulo que é uma concentração enorme de japoneses. O senhor tem alguma relação pessoal, o senhor teve alguma relação pessoal com japoneses?

Presidente: Muita. Eu trabalhei em tinturaria, meu primeiro emprego foi numa tinturaria, com uma família japonesa. E depois, no Sindicato tem muitos trabalhadores que são descendentes de japoneses. No PT tem muita gente que é descendente de japoneses. Meu Ministro da Comunicação é japonês, ou seja, nós temos uma relação saudável, uma relação boa, e eu acho que isso nós vamos trabalhar para que os deka-segui que estejam lá tenham essa mesma relação, porque eu acho que isso é que vai permitir às pessoas terem maior esperança de que valeu a pena viajar 24 horas para chegar ao Japão.

Jornalista: O que o senhor aprendeu sobre a relação entre os dois países, quando o senhor estava trabalhando com os japoneses, que foi um contato direto com os japoneses? O senhor aprendeu alguma coisa, nessa época em que o senhor trabalhava nessa tinturaria, que o senhor carrega até hoje?

Presidente: Eu acho que o primeiro emprego... eu acho que fica uma lembrança eterna na cabeça da gente. Eu era muito menino, tinha 13 anos de idade e era uma família de quatro pessoas, eram o pai, a mãe, duas filhas, e eles me tratavam como se eu fosse um filho da casa. Eu trabalhei lá até começar a trabalhar numa fábrica, mas a lembrança que eu carrego é do carinho com que eles me tratavam, ou seja, eu aprendi um pouco a passar roupa, aprendi a lavar roupa, eu entregava a roupa. Até hoje eu tenho uma relação de amizade com o casal. Eles moram hoje numa cidade do interior de São Paulo, mas foi muito marcante na minha vida, porque não era apenas a



relação de trabalho, é que a família era amiga da minha família, da minha mãe, então, eu tenho uma boa relação com o seu Antônio, com a dona Marina, a Mariko e a Kenko, que eram as duas filhas com quem trabalhava. Eu guardo essa recordação.

Depois, dentro do meu Partido tem vários companheiros militantes japoneses, que nos ajudaram muito a construir o nosso Partido e, depois, o significado da presença japonesa no Brasil. Foi um começo muito sofrido, mas os japoneses conseguiram conquistar, deram uma cara extraordinária à agricultura brasileira. Depois, os japoneses são tidos, aqui, no Brasil como... na área de medicina são imbatíveis, ou seja, a cada vestibular, a quantidade de japoneses que passa é uma coisa extraordinária. Então, eu acho que eles têm contribuído enormemente e, nesse aspecto, o Brasil é grato à vinda dos japoneses para o Brasil.

Nós, ao contrário de alguns países desenvolvidos, que de vez em quando acham que o imigrante atrapalha, eu posso dizer ao povo japonês, não apenas como Presidente do Brasil, mas como cidadão brasileiro, como cidadão do mundo, que o Brasil é agradecido à vinda dos japoneses para o Brasil, primeiro em 1908 e, depois, as outras quantidades que vieram para cá. Espero que continuem vindo e espero que continue essa relação harmoniosa, fraterna e carinhosa que nós temos hoje.

Jornalista: Senhor Presidente, muito obrigado.

Presidente: Obrigado.